



REVISTA

bulunga

dezembro de 2024 - número 36

a VERDADEIRA face de

PAPAI NOEL

An illustration of numerous green banknotes falling from the top right corner of the page, creating a sense of money being lost or falling from the sky.

EDITORIAL

Com o dólar acima de R\$6,00 e a caminho dos R\$10,00, Papai Noel mandou cancelar a festa de Natal. Não está dando nem para comprar presentes xing-lings na Shein, na Shoppe e no Ali Express, porque, com os novos impostos do governo do amor, os preços dos importados, mesmo os mais baratinhos, mais do que dobraram, além do risco de alguns deles nem chegarem, como já aconteceu com muita gente.

O Ministro da Economia encaminhou um projeto para isentar a cobrança de Imposto de Renda de quem ganha até R\$5 mil por mês, mas vai aumentar o índice de quem ganha mais de R\$50 mil, que doravante vão passar a ganhar R\$5 mil, após descontados os impostos. Essa é a justiça social dos governos socialistas: nivelar tudo por baixo. Se o pobre não consegue subir na vida, pelo menos poderá ficar feliz ao ver o seu vizinho classe média afundar-se na pobreza, para que nunca mais ostente lavando o seu Uno Mille na rua, com o som do aparelho multimídia comprado na 25 de Março no volume máximo, além de exibir nas Redes Sociais as fotos de suas viagens a Guarapari.

Enquanto isso, o atual presidente continua com sua lua de mel custeada pelo dinheiro público, viajando por paraísos turísticos com sua Esbanja, que sempre escolhe as mais caras suítes imperiais, para compensar o tempo em que tinha que fazer suas visitas íntimas em um colchãozinho fedorento, no piso frio da cadeia de Curitiba.

Ganhadores no último Sorteio:

(Receberão, grátis, um exemplar do livro, "Carta aos Loucos", de Carlos Nejar)

1 - Clavio Jacinto - Paulo Lopes - SC

2 - Debora Rempel - Vinhedo - SP

3 - Iris Pettersen - BH - MG



Sorteio de lançamentos do escritor

Sammis Reachers:

“A ordem Luterana da Cruz Combatente” e
“Fabulário Índigo”



Envie email para revistabulunga@gmail.com, até 05.01.25, e escreva: "Quero participar do Sorteio".

Os ganhadores serão divulgados na edição de janeiro/25. O primeiro ganhador levará o livro "A Ordem Luterana...". O segundo, "Fabulário Índigo", inteiramente grátis.

Saiba mais sobre os livros visitando:
<http://linktr.ee/sreachers>

A VERDADEIRA FACE DE PAI NOEL



No Bulunga Repórter de hoje vamos tentar desvendar os segredos por trás dessa figura icônica que só aparece uma vez ao ano, na época das festas natalinas, e desaparece misteriosamente pelo resto dos meses. Alguns especulavam que sua morada oficial seria na Lapônia, uma pequena cidade localizada ao norte da Escandinávia, mas o governo local, devidamente notificado, negou veementemente tal afirmativa, e assim estabeleceu-se genericamente que o "polo norte" seria o seu principal esconderijo, dando origem a variadas teorias da conspiração acerca de sua natureza extraterrestre, e que habitaria em cavernas da Antártida ou no fundo do mar, no Triângulo das Bermudas, daí a explicação para aquelas filmagens realizadas com câmeras Tekpix disponíveis no YouTube ou no TikTok, onde aparecem sombras de objetos voadores, que tanto podem ser uma espaçonave quanto uma andorinha errante.

Outro mistério guarda relação com a origem do financiamento dos brinquedos que seriam preparados por elfos, em sua oficina, para serem distribuídos utilizando o seu trenó, puxado por renas voadoras: seriam custeados por Elon Musk, Jeff Besos, George Soros ou algum outro trilionário misterioso?

E o que estaria por trás dessa maligna prática de discriminar os mais pobres, possivelmente,



com o objetivo de criar-se uma rebelião socialista?

Com relação às renas, elas podem até voar, mesmo sem ter asas, mas como é possível puxarem um trenó pesado, carregado com um velho gordo e uma tonelada de presentes, se ele não possui motores?

Pouco se sabe a razão de se associar as festividades do natal ao nascimento de Jesus, que certamente não teria ocorrido no período correspondente ao inverno europeu, cujo ápice acontece em dezembro, quando geralmente neva, e especula-se que o nosso Salvador tenha nascido 3 ou 4 anos antes do que se afirma ser o ano zero, possivelmente, no

mês de abril ou outubro.

Acontece que depois de perseguir os cristãos durante séculos, o governo romano, iniciado por Constantino, resolveu tornar a religião cristã oficial, e para isso misturou-a com diversas crenças pagãs, para o agrado da população que já estava cansada de tantas perseguições e mortes.

A comemoração do Natal não tem nenhuma relação com o nascimento de Jesus Cristo. Na região desértica em que habitou e pregou em suas andanças não havia pinheiros naturalmente adornados por bolas de vidro e luzes coloridas, bem como jamais nevava naquele lugar. O calor era tão intenso que não faria sentido aquelas roupas pesadas usadas pelo velho obeso, com direito a proteção de pelagem felpuda e branca ao redor do pescoço, dos punhos e tornozelos, além das botas de couro de cano alto.



O dia 25 de dezembro (ou 21, segundo alguns autores) seria uma data pagã para comemorar o solstício, o dia do deus sol, que venceu as trevas e marcaria o início de um período em que os dias são mais longos do que a noite.

E a essas crenças juntaram a figura de Jesus Cristo a São Nicolau, Kris Kingle, Pai Natal, ou Santa Claus, consolidando-se o nome “Papai-Noel”, com a sua proposta moralizadora de somente dar presentes para crianças que teriam sido boas durante o ano, excluindo-se as pobrezinhas, é claro. Se acaso Jesus fosse a verdadeira razão de ser do natal, jamais permitiria que isso ocorresse.

Uma das atitudes mais peculiares atribuídas ao bom velhinho é o fato de preferencialmente entrar nas casas pelas



chaminés, o que deixaria suas vestimentas impregnadas de fuligem, mas o que vemos é um personagem sempre limpo, como se tivesse saído do banho, o que nos faz entender que seja apenas uma fantasia dentro de outra fantasia. De acordo com a Wikipedia, o personagem moderno do Papai Noel é baseado nas tradições folclóricas que cercam Nicolau de Mira, a figura inglesa de Father Christmas e a figura holandesa de Sinterklaas.

Inicialmente, seus trajes eram na cor verde, mas a partir de 1915, surgiu com o novo uniforme vermelho em três comerciais nos Estados Unidos, um deles promovido pela Coca-Cola, em 1931, e aí resolveram apostar no novo visual que um dia seria considerado socialista.

O mais bizarro nessa história é que tem muita gente que acredita neste personagem folclórico, mas duvida da existência de Jesus Cristo. Essas pessoas precisam ser estudadas pela NASA.

O velho e a praia

ParTe XI

Jorge F. Isah

Tocou a coxa dela. Alisou-a uma, duas, três, quantas vezes suficientes para o ressonar extinguir-se. Notara, havia algum tempo, especialmente após engordar um pouco e depois da temporada de internação, um ronquejar leve e, às vezes emitia sons mais profundos. Capazes de acordá-lo. Mudar a posição, como costumeiramente se faz, não a impedia de prosseguir os sons ásperos e intensos, graves como as vibrações de um espaço côncavo, irrequieto e comovido; de uma lacuna enorme e carecida de recheio. No vazio, restavam aos fluídos, seja qual for a sua natureza, emitir ondas de instabilidade e abalo. Depois de ten-

tar as intervenções de praxe, por acaso, ao tocá-la mais detidamente, com o intuito de acordar sem gerar sobressalto, notou que as oscilações cessaram. Não foi algo repentino, o silêncio instantâneo, mas, em alguns segundos, a respiração voltara ao normal, suave e rítmica. Bastava, porém, retirar o carinho para os rumores voltarem, tão extensos e acentuados como o mar bravio a debater-se na praia. Tentou novo afago, a tocar a pele lisa, torneada, macia e vistosa, em que os anos, a despeito de serem muitos, não a privou, mantendo-a sedutora; algo que a juventude desgovernada não foi capaz de suprimir, em seu desastre

adâmico e trágico, sob os efeitos noéticos e do tempo, e a seu tempo, de transtornar os mais fascinantes sinais de júbilo em lástima...

Quantas vezes não se pegou a examinar as novas formas de Lurdinha?

Se antes fora delicada, meiga, quase uma princesa, a desfilar por entre pessoas muito mais bonitas que ela, ms, ainda assim, destacar-se pelo encanto dos singelos e harmônicos movimentos; e, mais do que as formas, atuaram decidida e expressivamente a chamar-lhe a atenção. De nunca antes, nem mesmo depois, alguém cativá-lo de maneira tão decisiva e apaixonada. No início, pensou ser uma impressão que, como tantas, passariam, esticar-se-iam e se desprenderiam dos olhos, ouvidos e mente. Meses depois, quando ainda não havia se declarado, Lurdinha não saía da cabeça, fosse a qualquer hora, mesmo as menos dispersas, lá estava ela, o coração a pulsar e a fazê-lo jamais esquecer...

Se passou um pouco, por causa das lutas e disputas de quase 50 anos, filhos, netos, amigos, parentes, chegadas e partidas, e o brilho dos olhos, os mesmos olhos de antes, apenas mais nebulosos e fracos, mas não menos atentos, ainda a viam como na mocidade. Ele mesmo, ao olhar-se no espelho, não se reconhecia. As manchas nas mãos, o olho direito levemente caído, os cabelos grisalhos, a barba branca, cílios e sobranceiras no mesmo curso, quase 30 quilos a mais do que à época do casamento, sem contar as rugas e marcas de expressão. Também não era nenhum primor de beleza, e se não era antes, o que dizer

agora?... Para alguns havia os segundos, os minutos, os dias. Os efemerópteros não ultrapassavam 24 horas. Mosquitos duram no máximo 2 dias. Libélulas, podiam atingir semanas. Vagalumes, um ou dois meses... Quanto a nós, se chegamos a séculos como Adão e seus descendentes, hoje, quase sempre, estamos limitados a 8 ou 9 décadas. Não é muito, se comparado às personalidades do Gênesis, mas é bastante se visto por medievos expostos a guerras, natureza indômita e doenças incuráveis.

Havia o desgaste físico natural. Havia o desgaste mental, também natural. Havia recordações e brancos. Havia presença e abandono. Havia entusiasmo e torpor. Revogar princípios e ratificar outros. Vidas se inseriam e se eliminavam. As perdas, em maior ou menor grau, sobejavam aos ganhos. Nada, contudo, incapaz de ser administrado, em toda a sua contingência presumível. Tudo podia ser ápice ou ruína. Deleite ou enfado. Suspiro ou estrondo. A velha máxima do “8 ou 80” tornara-se código no trato, às vezes surpreendia a moderação e comedimento, então, tratavam logo de escamoteá-lo, não intencionalmente, mas ao querer cada um puxar a sardinha para o seu lado, como o gato faz na feira de rua, e assegurar-se dessa virtude ser mérito exclusivo e jamais franqueado ao outro, a volta aos resmungos, pirraças e queixas punha fim à trégua.

Sim, eram obstinados implicantes. E a convivência ainda mais reservada, dele com ela e dela com ele, não facilitava as coisas. Era o cisco no chão. O farelo na mesa. A cadeira fora do lugar. Os chinelos e roupas des-

cuidados. Até mesmo a chuva, ou o sol, podia assanhar as escaramuças. Antenor cansava-se mais rapidamente. Não era um flash, mas ao perceber o estado beligerante, trancava-se no mutismo. Não sentia a necessidade de repetições ou modulações da mesma nota. Era suficiente tocá-la uma única vez. Lurdinha era mais verbal, resmungava pelos cantos e deixava evidente a censura e incômodo. Fechava o cenho, colocava o rádio em qualquer estação, e cantarolava músicas aleatórias, mesmo as mais detestadas. Para ela, o mundo não carecia de notas, harmonias, melodias ou ritmos.

— Como não gosta de música?! — Antenor perguntou, certa vez.

— Pra quê?... Não vejo sentido... Não gosto e, para mim, não tem razão de ser! — Disse convicta.

— Humm... Estranho... Por que só agora, depois de anos, você me aparece com essa esquisitice?

— Não é de hoje... Nunca gostei... Apenas não dizia... Agora, falei!

Veio-lhe à mente o velho bordão do Caymmi: “Se não gosta de samba, bom sujeito não é!”. Quanto ao sam-

ba, em particular, pode não ser verdadeiro, mas quanto à música, em geral, o clichê é líquido e certo. Como alguém pode não gostar de música? Independente de qual seja?... Existem gêneros musicais nobre e vulgares, sofisticado e toscos, natural e artificiais, harmônico e desengonçados, belo e defeituosos... Mas até aquele momento da vida nunca ouviu desprezo tão intoso como aquele, e partindo de quem era especialista em produzi-los.

— Você é engraçada, para dizer o mínimo! Não gosta de música, mas odeia o silêncio. E diz ser insuportável viver nele, assim como está a dizer ser insustentável viver com os sons... Pelo visto, gosta mesmo é de tagarelice, de cacarejo excessivo e indiscreto.

— Lá vem você com o falatório... Gosto de falar e ouvir, menos de você!

Saiu-se a arrastar os chinelos, deixando um trilho no piso, e a levar presa às solas resíduos de pó e fuligem, até onde a porta se fechou.

Num baque.



Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de “A Bula do Placebo”, entre outros livros, todos disponíveis na “amazon.com”.
jorgefisah@gmail.com



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

A Ilha

Sammis Reachers



Depois de apenas três meses esqueci o meu nome. Não me ocorreu escrevê-lo: Estava ocupado, sobrevivendo.

Os anos não podia esquecê-los, pois há comigo um Patek, relógio que roubei sob certo sol, em certo mês de primavera, em alguma cidade do subcontinente que fora um dia chamado América do Sul – e este, sabe-se lá o porquê, é dos poucos dias de que recordo.

*Estronda e tomba o tempo,
luz lilás,
obscuro óbito,
carretel de coisículas enrodilhadas em
escaravelhos.
estrondestranhoastro brilha e berra no
sobre horizonte
Eu, Gregor Samsa, Heinrich Faust,
Rodion Românovitch Raskólnikov,
Leopold Bloom
estelionatário confesso-me:
degrede-me.*

Nesta ilha em que me acoitei, amontoei-me de lacunas: Além do comprometimento do sistema respiratório, o vírus tinha um outro efeito,

não colateral, mas secundário e utilitariamente sádico: Apagar memórias. Exempli gratia: Não sei mais como cheguei aqui. Lembro de cenas numa lancha, e isso finda o memorial.

Nesta pequena ilha encontrei uma imensa casa e oito cadáveres espargidos em sua estrutura. A ausência de ferimentos pode indicar que foram mortos pelo vírus. Avento hipóteses; era eu o dono do lugar? Um funcionário? Um amigo, parente do proprietário? Tudo que tenho é o estar-aqui, tudo que sei foi que aqui cheguei.

Na pequena biblioteca, livros em diversas línguas. Na única que conheço ou penso conhecer, uma coleção dita “Clássicos da Literatura”. Suas páginas sedimentaram-se como minhas únicas companhias, aqueles poucos livros em capa vermelha, seus personagens, suas personas. Suas biografias e transenlaces na vida passaram a ser os meus, eu o desmemoriado, eu o de pulmão fulminado por um vírus que não me lembro onde peguei e que deveria ter me

matado, mas não matou (sei apenas que uma guerra grande mastigou as coisas humanas, todos contra todos).

*Já nascemos com a turbada gravidade
de sobreviventes de um naufrágio
raça desmemoriada
químiocontrita no corpo de um,
tênue tempestade nas folhas,
vírus multicelular em busca de não sei*

*Sparrings sem rosto no ringue do Tempo
tentando encaixar um soco
encaixar um soco no Tempo sem rosto*

Há algum tempo me ocorrem poemas. Era poeta? Não sei. Mas acredito que não. Tanto que quando escrevo, nem me sinto: É como uma possessão. Será então a poesia, ou a atividade poética, uma demência das faculdades cerebrais? Lá fora houve uma guerra, uma guerra de finalmente acabar com tudo. Meus frangalhos, a ilha, o lixo feito de destroços que o mar traz, dão conta do que não lembro e no entanto sei que aconteceu.

*Lá fora:
Lá na imbricação dos mesmerizados
lá onde o progresso deflorou as virgens
esfaimadas
que se lhe apresentaram;
progresso, demônio que aluiu os homens
lá fora
em seus estratos, no que voa no espirro*

O barco que me trouxe jaz sem combustível; os geradores à diesel da ilha morrem da mesma sede. As frutas que como, as pequenas aves e répteis, talvez suportem meu pequeno consumo, mas e daí? Eles virão? E quem são eles, e quem sou eu? Como temer um passado que ignoro? O esquecimento, falsa liberdade ou paz provisória, me trai: Lembro ter roubado um relógio. Fui ladrão? Antes ou depois da ruína do mundo, dos mundos? Talvez tenha roubado por fome, talvez por vingança.

Alguém lá no além da ilha, ou no tudo dito além de mim (pois sem um nome, entendi finalmente o estigma que nos conforma, e contra o qual relutamos com a arma que pudemos, adaga cega que resolvemos chamar História: se sou um homem, tudo é além), deflagrou uma guerra universal, e ele talvez ainda esteja lá, e ele talvez ainda me encontre. Ou já me tenha encontrado e esquecido, nesta ilha-mausoléu, neste Alzheimer biodeflagrado por um vírus genocida.

Escrevo palavras na areia, ou poemas, essa forma primitiva de civilização das palavras, e cismo: Talvez não tenha existido uma Segunda Guerra Mundial, ou uma Primeira. Sequer os morticínios, enquanto eventos isolados, de Ruanda ou do Kosovo. Talvez seja tudo uma única e ininterrupta guerra, da morte de Abel ao Armagedon. Sem dias de trégua.

*Ilha feridenta,
antologia de chagas
calangos e fragatas desintestados e
assados,
culinária de dramas, axiologia
do que é poético, capuz que ao homem
encerra*

Ilha tropical e sua mansão deserddada,
nave-desespero em que o Homem
nadaformou a Terra.



Sammis Reachers é escritor, poeta e editor. sreachers@gmail.com

O tigrinho e os boizinhos

Luiz Libório Alves da Silva

Havia naquela sala cinco telas acesas e dez olhos quase estáticos sobre quatro delas.

O pai e a mãe, olhando seus respectivos celulares, às vezes riam pelo nariz, em pequenas bufadas, mas os dois adolescentes nem isso faziam e pareciam congelados nas extremidades leste e oeste do longo sofá.

O volume dessas quatro telas era inaudível uns aos outros, pela distância, e apenas a TV se fazia uma ponte de som entre todos ali.

Como a luz estava apagada e ninguém prestava atenção na TV, levaram um bom tempo para perceber que a luz tinha acabado. Quem percebeu foi o pai que, depois de rir um pouco pelo nariz, após ver o vídeo de dois políticos trocando socos, resolveu se espreguiçar e tomou nota da ausência da novela.

— Ué, a luz acabou?

Ele era um homem baixo, gordo e com bastante cabelo para sua idade. Tinha por volta dos 55 anos, mais de 5 décadas de vida quase sem pensamentos profundos, o que talvez explicasse seus olhos castanhos levemente bovinos.

Como ninguém respondesse, ele insistiu.

— Vanusa, a luz acabou?

Ao ouvir o próprio nome, a mãe parecia como que despertando de súbito de um sonho mau. Olhou para os filhos, olhou para o marido, olhou para a lâmpada e depois para a TV.

— Não sei, Cido, parece que acabou.

Resmungando, ela se levantou da cadeira em que uma hora antes tinha jantado e testou o interruptor. Realmente, a luz tinha acabado.

— Essa agora! Minha bateria tá quase acabando!

A palavra “bateria”, assim como antes a palavra “Vanusa”, parecia ser o nome em comum dos dois adolescentes, já que, como um relâmpago, ambos pareciam acordar agora de um sonho mau. Eles se olharam.

A menina se chamava Flávia e tinha algum princípio de beleza, de queixo pequeno e boca sarcástica, mas sem muita vida em suas feições. Era levemente histérica e trazia o mesmo olhar bovino do pai.

O menino se chamava Miguel e era como se não existisse. Ao contrário da irmã, sequer consolava-se nele o princípio de beleza jovem que logo ela também perderia. Havia uma espécie de temor contínuo em seu rosto, por baixo do cabelo seboso.

— E agora? Eu só boto pra carregar na hora de dormir, tá quase acabando aqui também! — disse Flávia.

O pai, a mãe e a filha, então, puseram a debater aquilo. O pai estava consternado, contava com a luz para ver o jogo de logo mais. A mãe, que ainda não tinha lavado a louça, odiava a ideia de dormir com pratos e panelas sujos aguardando na pia e disse que procuraria a lanterna em algum lugar. A filha, falando cada vez mais alto, apenas soltava reclamações soltas e pensava se não seria mesmo melhor sumir da conversa com o ficante para soar misteriosa.

Os três, cada um a seu modo, esperavam pelo fim das baterias como quem espera uma catástrofe inevitável. “Aí vem o caminhão do matadouro”, diria um boi, ao passo que o outro lhe responderia algum “foi bom pastar com você, amigo”.

Claro, havia um exagero em tudo isso. E, conforme, nos próximos minutos, os sons de aviso dos celulares se intensificaram, eles andavam pelos cômodos da casa escura, perdidos, com exceção do rapaz.

Uma hora depois, quando já não havia energia nas baterias dos celulares da filha, do pai e da mãe, lembraram-se do Miguel, já que não encontraram a lanterna e o único lugar em que havia luz ainda era a tela do celular dele.

— Filho, você ainda tem bateria? — disse o pai, lambendo os beijos diante da perspecti-

va de acompanhar o jogo pelo celular de Miguel.

O menino levantou os olhos, aterrorizado. Puxou para mais perto do rosto o celular e, como em um casulo, curvou o corpo magro sobre o sofá.

A mãe, vendo aquilo e achando estranho, pediu para ver o que ele estava fazendo. Aterrorizado, quase tremendo, ele negou o pedido.

— Menino, o que você está fazendo? Me dá esse celular, Miguel!

Ele, sem ousar tirar os olhos do celular, balançava nervosamente a cabeça. A irmã então arrancou inesperadamente o celular da mão dele, com a força da curiosidade nos pulsos. Olhou para a tela e entregou o celular para a mãe.

— Eu não acredito nisso! Miguel, você tá jogando o jogo do tigrinho?!

Em uma das raras conversas recentes que tinham construído, a família havia citado o assunto. Um dos colegas de trabalho do Cido estava internado em uma clínica para dependentes após vender quase tudo o que tinha em casa para jogar em um site de apostas como aquele.

Na ocasião do assunto, o pai contou que o seu avô tinha perdido há muito tempo algumas fazendas em jogos de sua época. “Talvez eu fosse rico hoje em dia”, ele disse, lamentoso.

Considerando isso, o pai e a irmã estavam boquiabertos olhando para Miguel. A mãe gritava, com mínimas variações, o que disse inicialmente.

— Eu não acredito que você tá jogando! Eu não acredito!

Como quem toma fôlego, Miguel resolveu contar o que estava acontecendo. Antes, porém, precisava afastar a cortina e olhar pela janela, para confirmar o que já desconfiava.

— Gente, eu juro que comecei ganhando! Eu juro! Achei que ia dar pra mudar de vida!

Miguel não ousava mais olhar para ninguém e seus olhos estavam fixos para a própria mão aberta, como se ali ainda houvesse a tela de um celular.

— Foi por isso que eu peguei um dinheiro emprestado, eu...

Pai, mãe e irmã disseram as piores interjeições que conheciam e interromperam o que ele dizia. Ele levantou a voz, porém, e começou a falar rápido, porque precisava terminar de contar para a família.

— Eu tinha certeza que a cartinha ia vir, que eu ia ganhar, ficar rico! Por isso, peguei dinheiro com o Marcos agiota! Quem me apresentou foi o vizinho de cá, achei que daria! E olha, eu perdi quase tudo, não consegui pagar! Hoje... Eu... Ele disse que ia me pegar e eu estava tentando ganhar alguma coisa agora pra pagar e o vizinho, quando eu contei, disse que ele costuma cortar a luz um tempo antes de invadir a casa de quem deve pra cobrar, olhem pra fora, olhem! É só aqui em casa que tá sem luz!

Eles olharam.

Estupefatos, agora, não disseram nada por alguns segundos. Quando Vanusa ia abrindo a boca de novo, dois murros explodiram na porta.

O desespero correu pelos olhos de todos. Mais dois socos na porta, porém, e aquele som lembrou ao pai o vídeo que ele vira há pouco, dos políticos se batendo.

Então ele riu, pelo nariz, uma bovina bufada derradeira.



Luiz Libório Alves da Silva é escritor, poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

VELHOS DE MAIS

um conto de MICHEL SALOMÃO



Ele não tinha forças para se levantar. As últimas tentativas haviam sido um suplício, e a situação parecia ter piorado nos últimos anos, faltando-lhe firmeza nos braços para erguer o corpo esquelético, porque as pernas estavam ainda mais debilitadas e sequer conseguiria puxar o andador para perto da cama com o pé. Seria humilhante ter que chamá-la para ajudar, pois haviam discutido feio na hora do almoço, quando ela comentou que “você não comeu nada”, e ele respondeu “não é da sua conta”, e o que se seguiu foi uma série de impropérios de ambas as partes, revolvendo mágoas de mais de meio século de convivência, quando chegavam a ficar dias, semanas ou às vezes meses sem trocarem uma única palavra, mesmo depois de já haverem esquecido o motivo da desavença. Em algumas oportunidades até pensaram em matar um ao outro, mas não poderiam ser incriminados por isso, pois não existe crime pensado, ou a maioria dos casais estaria atrás das grades, mas naquele dia, uma vez mais, terminaram o dia sem se falarem.

Ele queria ir ao banheiro, mas ali mesmo, sentado na cama, pôde sentir o líquido quente molhando o pijama e as cobertas, e o cheiro característico tomando conta do quarto. Era o dia de descanso do enfermeiro, e somente na manhã seguinte seria possível realizar a troca do lençol e da capa protetora do colchão. Ainda procurou concentrar uma energia sobrenatural em seus membros, como se fosse um patético cosplay de super-herói tentando voar, mas não conseguiu. O esforço foi tamanho que acabou adormecendo deitado meio de lado, todo mijado, com as pernas para fora da cama. Acordou na penumbra com alguém mexendo em seu corpo, passando um pano úmido e levemente perfumado em seus membros inferiores e vestindo-lhe uma nova calça de pijama. Também haviam sido tiradas as cobertas, trocado o lençol e, possivelmente, o protetor do colchão, mas ele acordou um tanto confuso, já ao final da operação, chegando a imaginar que teria dormido a noite inteira e todo o dia seguinte, pois já seria noite novamente, e o enfermeiro te-

chegado para assumir o seu posto. Mas era ela. Não se sabe de onde reuniu forças para manipulá-lo como um boneco inútil, mas o importante é que conseguiu. Pensou em agradecer, mas a voz não lhe saiu, e assim fingiu que continuava a dormir. Sentiu uma enorme vergonha por estar naquela condição humilhante, ele que sempre se orgulhara de sua força e determinação, que menosprezava as pessoas consideradas fracas, com o seu nocivo espírito de competição, que não aceitava perder nem mesmo no “par ou ímpar”, mas a vida lhe reservara importantes derrotas que ele não conseguiu assimilar. O seu orgulho permanecia inabalável, e de nada adiantaram os nocautes que levou, quando deveria ter dado os “três tapinhas” na lona, como fazem os perdedores, e não queria admitir a série de erros que cometeu e que acabaram por torná-lo uma pessoa odiável.

Alguns anos atrás, quando ainda conseguia se mover com menor dificuldade, época em que resolveu comprar uma bengala de mogno e suporte de marfim, que acreditava dar-lhe um ar aristocrático, as crianças batiam em sua porta para gritarem “travessuras ou gostosuras” e ele apontava para elas o objeto intimidador e lhes confiscava sumariamente os sacos com as guloseimas e as pisoteava com sádico prazer, mas nenhum pai ou mãe se animou a reclamar, pois a sua fama era conhecida na região, e falava-se até que colecionava armas de grosso calibre, o que não era verdade.

Brigava com os vizinhos por causa de música alta, pelo latido dos cachorros, pela gritaria da garotada que brincava de “pique-esconde”, pelos foguetes em dias de jogos, e se envolvia até em brigas de trânsito e de casais, sendo

que em várias oportunidades a polícia teve que ser acionada, mas os agentes da lei sempre davam uma amenizada, pois acreditavam se tratar mais um caso de desajuste mental criado pela opressão das grandes metrópoles.

Durante algum tempo, apareceram vidros quebrados nos vitrais coloridos de sua porta e de uma ou outra janela, lixo era jogado para dentro dos muros, que também apareciam com frequentes pichações, mas com o passar dos anos acabou sendo esquecido, até mesmo pelos carteiros, que deixavam de entregar-lhe os avisos de cobranças.

Em um raro momento nostálgico, ele se lembrou do primeiro beijo que dera em sua então namorada, que foi quase accidental, no instante em que apontou para um assalto que acabara de acontecer na esquina, ela olhou para o lado errado e assim acabaram se tocando nos lábios, mas o equívoco foi capaz de desencadear um gatilho que fez com que não se largassem por horas, cada qual tentando sugar do outro uma felicidade que jamais conseguiriam encontrar, mas que ainda assim seria capaz de fazê-los figurar no Livro Guinnes para esta especialidade.

Na manhã seguinte, ele ligou para ela e marcaram de se encontrar em uma praça, e ambos estavam relativamente acabrunhados, mas acabaram unindo as suas mucosas por um tempo considerável, mas não o suficiente para superar a marca anterior, e assim engataram um namoro estranho, pois não tinham muito o que conversar, e se comunicavam preferencialmente por cartas, que mais tarde foram substituídas pelo correio eletrônico, nas quais se perdiam por temas incomuns, visto que não possuíam os

mesmos interesses, ou talvez achassem que quando se encontrassem não poderiam desperdiçar o tempo que dedicavam ao sexo, a tal ponto que começaram a emagrecer, e as pessoas mais próximas acreditaram que haviam contraído a doença do amor.

Mas o amor não se trata com remédios, nem com terapias, e muito menos com mandingas ou unguentos, e as pessoas normalmente só começam a se dar conta do perigo que deste sentimento, que pode variar entre virar sonâmbulos, em deixarem queimar o arroz ou atravessarem as ruas sem se atentarem para o movimento dos carros, e quando a coisa já está perigosamente fora de controle pode virar casamento. E com o casamento, normalmente, vem a cura, quando cada qual passa a se dar conta da própria individualidade, sobrevivendo crises que inauguram novas etapas de suas vidas, que normalmente levam a uma toxidade que dificultaria a um poeta mais habilidoso extrair dessa relação tortuosa uma mensagem de amor.

Dizem que amor e ódio se confundem, mas a experiência nos mostra que são sentimentos absolutamente antagônicos e distantes: podemos, contudo, dizer que são recorrentes, pois podem voltar a reinfestar o hospedeiro, como se fosse um protozoário, em diferentes etapas da vida, ou seja, as pessoas podem amar, desamar e voltar a amar novamente, mas somente quem viveu mais de 70 anos pode ser capaz de discorrer sobre isso com certa propriedade.

Ele se lembrou do dia em que ela se esqueceu do seu aniversário e viajou

com as amigas para a praia, e nessa época mal haviam completado um ano de namoro, mas no aniversário dela ele fez questão de marcar um futebol com os amigos, que terminou com churrasco e cerveja até o fim da tarde, e foi dormir às 8 da noite, para acordar com uma enorme ressaca na manhã seguinte.

Teve também o episódio do batom na gola da camisa, quando trombou de frente com uma estagiária no corredor da empresa, mas aproveitou a oportunidade para lhe fazer ciúmes, e ela ficou realmente muito brava, deixando de atender os seus telefonemas por cinco dias, mas ele, para se redimir, teve que fazer uma serenata na janela de seu quarto, amparado por um amigo, que improvisou alguns tristes acordes no violão.

Ainda sob a réstia de luz que vinha da janela do banheiro, percebeu que ela estava chorando, talvez pelo pesar de ter que conviver com um homem inválido e amargo, por pensar nas oportunidades que perdeu na vida e que ainda haveria de perder até que ele se desapegasse daquela carcaça inútil, mas isso ainda poderia demorar mais alguns anos, o que era imprevisível, sendo que ela poderia partir antes, visto que tinham a mesma idade, com uma diferença de poucos meses, e em breve completariam 79 anos. Ela ainda tinha forças para sair, para fazer compras, até carregava algumas sacolas pesadas, enquanto ele apresentava uma espécie de atrofia prematura que se iniciou por volta dos 70 anos, que nenhuma fisioterapia haveria de solucionar. Acabou se resignando, primeiramente, ao adquirir a tal bengala aristocrática e, por fim, um andador, mas nos últimos tempos

nem era capaz de utilizá-lo, necessitando da assistência permanente dos enfermeiros.

Ele se recusava a utilizar fraldas, porque achava que era o sinal absoluto de decadência de um ser humano, e por isso conseguia prender suas necessidades fisiológicas por horas ou às vezes dias, o que lhe causou sérias complicações nos rins e nos intestinos. Mas naquele dia não havia conseguido se segurar, e ainda bem que foi somente a urina, ou a desonra o obrigaria a cometer um harakiri utilizando uma escova de dentes.

- Quero te pedir perdão! - ele conseguiu balbuciar, e logo em seguida: Obrigado!

- Da próxima vez, trate de fazer no banheiro – disse ela.

Ficaram um longo período em silêncio, mas ele resolveu prosseguir, falando bem baixo.

- Podemos procurar amanhã uma casa de repouso para mim. Não deve ser tão caro. Nós temos como pagar.

- Você ainda tem uma esposa. Não sei se fosse comigo você faria a mesma coisa, mas eu tenho palavra: prometi no altar que ficaríamos juntos até o fim.

- Eu admiro isso em você, mas não merece esse trabalho que estou dando. Lá deve ter gente especializada para cuidar de pacientes como eu...

- Você está dizendo que não estou sabendo cuidar de você? - disse ela, ofendida.

- Não é isso...

- Você acha que vou deixar que as pessoas pensem que sou uma megera horrível e que abandonei o meu marido em um asilo?

- Eu vou ficar bem. E você merece viver.

- Você diz isso agora, depois de ter sugado a minha vida inteira?

- Só posso pedir perdão. Perdão.

- Ah, deixa pra lá – e saiu para arrumar alguma coisa na cozinha.

“Ela me ama” – ele se estarreceu ao pensar.

Sua reação não combinava com ódio. Nem com desprezo. E muito menos com indiferença. Era uma grande mágoa, mas ainda haveria ainda uma chama de esperança, como um carvão esquecido sob as cinzas, ao final de um churrasco. Bastaria um leve sopro. E assim ele alcançou o criado, abriu a gaveta e pegou um papel e uma caneta com o propósito de escrever uma carta para ela, pois a vista estava afetada pela catarata e não conseguia digitar ou enxergar as letras que apareciam na tela trincada de seu smartphone, mas no papel ainda era capaz de escrever com letras grandes. Como nos velhos tempos.



Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral, videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



A fábula do asno e do texugo, ou a fuga da razão

Sammis Reachers

Corria o ano de 451 depois de Cristo. Nas bordas de uma pequena floresta às margens de Milão, um asno e um texugo esbarraram-se, ambos em fuga da cidade, incendiada por Átila em sua fúria bestial.

Libertos do cativoiro pelos irmãos caos e chama, corriam por suas vidas tênues, carregados de sentimentos entre suas penugens chamuscadas. Um deles trazia por bagagem extra um pequeno e tilintante alforge que, de passagem, furtara a um corpo humano justificado pelos irmãos siameses.

Temeroso da repentina solidão e do silêncio da floresta, terror medievo, e vendo que seu companheiro de ocasião já imbicava por uma trilha da mata, o que portava o pequeno alforge feito da pele de um seu semelhante propôs ao outro:

— Venha comigo, companheiro! Vamos por este outro caminho, ele dará numa pequena cidadela.

O segundo animal hesitou por um momento, voltando um olhar de terno espanto para aqueloutro trânsfuga.

— Posso lhe dar todo esse dinheiro — antecipou-se o primeiro, chacoalhando as moedas do bernal.

— Dinheiro? O que faz cativos os homens?

— Cativos?? É ele quem lhes compra a alforria! E lhes descerra a janela dos sonhos.

— Com ele poderei comprar sonhos?

— Comprar? Não; com ele você poderá realizar cada um deles.

— Mas realizar um sonho é como matá-lo.

— ???... Ora!!! Nunca ouvi tão grande insanidade! Que dizes, néscio?!!

— Digo que passaste tempo demais com humanos — arguiu a besta, antes de mergulhar no silêncio verdejante.





coluna do

ClodoKill

Fernandes

A JANELA DO AVIÃO E AS CORES DO “ARCO-ÍRIS”

A quizumba está armada. Se não por armas de fogo ou brancas, por narrativas, faniquitos e não me toques de gentes dispostas a rodar a baiana, esbugalhar os olhos e lançar perdigotos em todas as direções. Pouco importa os pés atolarem ainda mais na titica, se parece um eguaí, ou é um vitimista presunçoso e metido.

Dois fatos me chamaram a atenção, não porque sejam relevantes e mereceriam amplas e gerais discussões, mas exatamente pelo contrário: sua insípida e estéril cantilena alarmista e pretensiosa, receita instantânea para os memes virais.

O primeiro é tão descabido e inexpressivo que me assustou ganhar a repercussão de portais, jornais, colunas de fofocas, vídeos no YouTube, e editoriais nervosos. O microrresumo: uma passageira pediu a outra, que ocupava o assento na janela, para trocá-lo com a sua filha. A janeleira se re-

recusou, então a pedinte tratou logo de sacar o celular e filmar a mulher, e, aos gritos, acusá-la de falta de empatia com as pessoas. A situação ficou ainda pior porque a janeleira não deu atenção à barraqueira, e a coisa foi mesmo parar nas redes sociais, já que a mãe impertinente tratou de divulgar as imagens.

Não sei o que a tripulação do avião fez para contornar a ocorrência, mas, a meu ver, era caso de chamar a Polícia Federal e mandar prender a mãe, afinal, ao menos, uma regra havia sido quebrada, já que é proibida a troca de poltronas em voos. Não as poltronas, mas as pessoas trocarem de poltronas, capicci?

A Vara da Infância deveria intervir também, já que uma mãe assim é ameaça séria à integridade da criança, podendo gerar traumas, sequelas e psicopatias incuráveis. É por essas e outras que muitos pais tomam o lugar dos filhos e filhos dos pais; mocinhos tomam dos bandidos e bandidos dos moci-

nhos; juízes, dos chefões e chefões dos juízes; alunos dos professores... e a lista não tem fim. Ninguém está contente no seu lugar. Importa tomar o do outro. E nada funciona, tudo se perde, e quem achou não está nem um pouco satisfeito.

O segundo caso é ainda mais grotesco, para não dizer outra coisa. Um cidadão canadense foi multado em US\$ 5.000,00 e terá de participar de um programa de ressocialização por se recusar a hastear a bandeira LGBT e todas as demais letrinhas e símbolos, que mais parece um código secreto de quadrinhos infanto-juvenil. A coisa está ficando preta, quer dizer, marrom, verde, roxa, ah, sei lá!... Se eu for preso, espero que não me vistam de amarelo ou caqui, pois

odeio esses tons... Será discriminação de cores?... Já nem sei mais o que dizer, verdade. O silêncio talvez seja melhor... Mas, espere! E se criarem leis que impeçam a nudez, caso não se grite certo refrão, ou slogan, ou sigla, ou nome de algum partido, grupo ou líder?

Humm... Acho que já vi essa história, e ela, como todas as outras, não acaba bem. Por via das dúvidas, vou pegar um lábaro branco, enquanto ainda é permitido... Ou não é mais?!

A *Óptica Metrópole*
está de **casa nova!**

NOVO ENDEREÇO

Shopping 5ª Avenida

RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 20B SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1190
TELEFONE (31) 3226.3212 | WHATSAPP (31) 96482.1525



A morte daquele que fazia versos

Luiz Libório Alves da Silva

Quando um poeta morre, morre um som dentro da voz do vento.

As águas sentem um menor movimento dos peixes, a terra um menor trotar dos cavalos, o ar um menor trovejar de pássaros. Enquanto a melancolia esculpe os gestos com chuva em torno dos castelos, rainhas incendeiam os livros, misturando as cinzas das páginas a suas lágrimas, quando um poeta morre.

Os anciões se curvam, com boa voz, para tentar explicar às crianças o que aconteceu: "O poeta dizia o que a gente não podia, quer dizer, o amanhecer das palavras". "Mas então", uma menininha pode perguntar, "não tem mais de manhã?". "Se vocês continuarem sendo o que são, sempre teremos", eles respondem. Então as crianças entendem que devem continuar inventado o mundo e saem dali correndo tristes porém sorrindo.

Quando um poeta morre, nasce um poeta nos olhos de cada menino.

Quando um poeta morre, nuvens diferentes deslocam-se do oriente e aninham-se no peito dos sensíveis. Os alicerces azuis que sustentam os astros fremem mansamente pelo sopro de pesar das musas.

As musas, inclusive, que por muito tempo forçaram-se indiferentes ao amor que o poeta lhes dedicava, agora podem chorar uma saudade amendoada de ouvir a voz dele, de cheirar seus cabelos, de saber-se objeto de um amor impossível aos homens menores, em seus olhos que se aligeiram em parecer olhos de futuras mães — pois é sempre pelo ventre de uma musa de outrora que um poeta nasce.

Por isso, é preciso ser poeta, para que a nossa morte desloque grandes coisas sobre a Terra.

Nota: Texto revisitado na ocasião do falecimento do poeta Castro Guerra.

a agência

Michel Salomão

O Arnaldo era um idiota e se orgulhava disso. Era o braço direito do chefe e tinha o hábito de alcaguetar os colegas, pois acreditava que assim estaria protegendo a Empresa. Não recebia nada em troca, apesar da dedicação de 23 anos trabalhando na mesma função, que era a de digitar as fichas de pagamento que chegavam pelo malote. Todos sabiam que em breve isso deixaria de existir, com os controles realizados digitalmente, dispensando o uso do papel, e o primeiro que perderia o emprego seria exatamente ele.

Havia também a Mariana, secretária do gerente, que em breve seria transferido para uma agência do nordeste, e diziam que ela era sua amante, mas ele era casado e tinha uma esposa extremamente ciumenta, que sempre dava umas incertas na agência, para ver se pegava o marido se engraçando com alguma funcionária.

A Mariana era a mais bonita da empresa, e estava ciente do seu poder. Não dava bola para a ralé e todos os dias se produzia como se fosse a um baile de formatura, usando maquiagem pesada e vestidos colados ao corpo. Todos os homens tentaram alguma coisa com ela, mas ninguém teve a sorte, a não ser o gerente, segundo afirmavam. Eu nunca tentei.

Os demais funcionários eram quase todos estudantes, com idades variando entre 18 e 30 anos, apenas uns cinco ou seis tinham mais do que isso, e o mais velho era o Ivan, que tinha 50 anos. O Ronaldo tinha 36, o Marcílio 42 e o Ricardo 46. Havia um diretor, um gerente e cinco supervisores. Essa era a nossa agência.

O Diretor a gente quase não via, pois ficava no quarto andar e jamais visitava os setores. Estava sempre em reuniões externas e não raramente voltava do almoço bêbado, fechando-se em sua sala até a hora de ir embora, por volta das 18 horas.

Costumávamos fazer uma espécie de “barricada” em nossas mesas, nos escondendo por trás de pilhas de processos, enquanto alguns liam revistas, outros jogavam joguinhos em seus “Game Boys” e outros estudavam para passarem em concursos e poderem largar aquele emprego ridículo. Eu escrevia e desenhava. Fazia histórias em quadrinhos, inserindo num universo fantástico alguns daqueles colegas, parentes, vizinhos e amigos, mas também criava outros personagens aleatórios, numa mistura meio maluca que acaba resultando em algo engraçado que ninguém lia, mas eu sonhava que um dia faria algum sucesso.

Pessoalmente, eu não era nada engraçado. Introspectivo ao extremo, mal conseguia cumprimentar as pessoas. Porém, certo dia veio um superintendente regional fazer uma visita na empresa e resolveu promover uma dinâmica com todos os 73 funcionários e acabei me destacando nesses exercícios. Resultado: fui promovido a gerente, passando a ser chefe do meu chefe. É claro que ninguém entendeu. Passei a ganhar cinco vezes o que antes recebia, e agora teria que vestir ternos, gravatas e sapatos engraxados, com carta livre para fazer o que quisesse na agência, pois, como disse, o Diretor mal dava sinal de vida e o outro gerente acabara de ser transferido. Mas a minha promoção não foi muito bem recebida por alguns colegas. Parece que se deram conta de que eu sabia de todas as malandragens deles, e assim pensaram que a folga acabaria em breve. Alguns murmuravam que eu seria um traidor. Por isso, resolvi pegar leve no começo.

A Mariana, imediatamente, começou a se engraçar comigo. Debruçava-se sobre a minha mesa por qualquer motivo para que eu prestasse atenção em seu decote, habitualmente sem o sutiã, mas eu fingia que não via, evitando as suas investidas. Não queria encrenca, pois sabia que algumas mulheres provocam os seus chefes para depois pedirem indenizações milionárias por assédio.

Promovi algumas mudanças que deram bons resultados em termos de economia e celeridade. Mas não se passaram 30 dias e fui chamado pelo Diretor em sua sala. Disse que tinha uma missão difícil para mim:

teria que demitir 23 funcionários, e teria que acontecer naquela sexta-feira, sendo que eram 17 horas da quinta-feira, faltando apenas uma hora para encerrar o expediente. Teria somente aquela noite para estudar o caso. Para me tranquilizar, disse que se eu não conseguisse cumprir a tarefa, seria demitido. Mal consegui dormir. Pela manhã, resolvi chegar mais cedo ao trabalho e fiquei observando pela grande divisória de vidro da minha sala, a chegada dos funcionários. Batiam o ponto, iam ao banheiro, depois iam tomar o café que ficava em uma salinha aos fundos, à esquerda, passavam nos seus setores, deixavam as suas coisas nas mesas e saíam para conversar com os colegas nos corredores, por quase uma hora. Depois retornavam aos setores e lentamente iam assumindo as suas funções, mas já haviam se passado quase duas horas. No almoço, tudo se repetia, o que levou-me a concluir que a produtividade daquela agência era próxima a 50%.

Os primeiros a serem demitidos seriam os supervisores, pois não se atentavam para o que acontecia na empresa. Se fosse fazer uma análise mais profunda, chegaria à conclusão de que poderia demitir mais do que 23, talvez 35 daqueles inúteis. Os bons funcionários seriam uns 10 ou 12, e cada um desses trabalhavam por 2 ou 3. Fazendo as contas, teríamos 12 funcionários produtivos que trabalhavam por 24, e assim precisaria manter mais 26 funcionários para chegar a 50, que era o número almejado pelo Diretor, mas, na verdade, seriam somente 38, ou seja, poderia demitir 35, e não 23, e a empresa se tornaria muito mais produtiva. Satisfeito com o meu bri-

lhante raciocínio, levei a proposta ao Diretor, logo pela manhã daquela sexta-feira. Inicialmente relutante, ele acabou aprovando a ideia e pediu a lista com os nomes dos dispensáveis antes do almoço.

O Arnaldo foi o primeiro da lista. A Mariana foi a segunda. Talvez antevendo que algo estaria para acontecer, naquele dia foi com decote ainda mais ousado, obviamente, sem o sutiã, e arranjou uma cruzação de pernas em precedentes em sua mesa, que ficava de frente para a minha, na antessala, e de lá deu para perceber que havia se esquecido de vestir a sua roupa íntima. Coitada, tão jovem e com problemas de memória.

Não foi difícil chegar aos vinte e cinco nomes, e os dez restantes escolhi na base do “uni-duni-tê”, e assim, ao meio dia a lista estava na mesa do chefe. Contudo, cometi um erro imperdoável: coloquei o título “lista dos demitidos” e ainda assinei o papel. O Diretor teve que ir ao estacionamento, e acabou deixando a porta de sua sala aberta. A sua se-

cretária, que não estava entre os dispensáveis, viu o documento, tirou uma cópia e espalhou por toda a agência.

Não é preciso nem dizer que a paralisação foi total. Era gente chorando, gemendo, gritando e vários deles passavam em frente a minha sala, desferindo olhares de ódio e reprovação, entre eles os que aparentemente seriam preservados.

Em resumo: para tentar conter um possível motim, o Diretor resolveu demitir-me e ainda suspendeu os cortes. Após recolher os meus pertences na gaveta, saí de cabeça baixa sob as vaias dos ex-colegas, e teve alguns que até soltaram foguetes na rua. Com o dinheiro do acerto, montei uma barraca de cocos na praia e em alguns meses chegava a ganhar o dobro do que recebia na agência. Começava a trabalhar as 9 e largava às 17 horas, mas em determinados dias nem saía para trabalhar. Havia meses em que trabalhava mais, outros menos. E nunca mais quis saber de chefes ou colegas.





REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

PLUMAS E OVOS

Ultimamente, o que mais ouço é a necessidade do mundo se tornar um lugar mais tolerante e pacífico. Dizem aos quatro ventos que as diferenças devem ser respeitadas, o amor deve prevalecer, e se cada um fizer a sua parte o mundo será um lugar melhor. Até o vendedor de “cândida” apropriou-se disso no seu slogan:

“Olha a cândida, cândida! Faça o mundo melhor, sem germes e sujeita! E ganhe um lindo brinde!”

Tem um colega de trabalho que vive com esse discurso. Se o pegam cochilando, responde: “Estava descansando os olhos para ver o mundo melhor!”. Se atrasa, vai logo dizendo: “Precisava ver os problemas em detalhes, para melhorar o mundo!”. Se questionado quanto à eficiência, lá vem a frase: “Pra que a pressa? O mundo fica melhor devagarinho!”. E coisas do tipo a trazer irritação e pasmo a quem ouvir. E mesmo estando em todas as listas de possíveis demissionáveis, era preterido, sabe-se lá por qual motivo. Suspeita-se de ter as costas quentes, ou um trunfo incontestável que implodiria a instituição.

Ontem, peguei o ônibus. Depois de entrar e me esgueirar entre as fileiras, espremido entre uma dupla de gordos e suas mochilas, um rapaz entrou e educadamente se dirigiu ao motorista: “Bom dia!”. Bastaria retribuir, ou fingir-se desentendido. Mas não. Ele não se contentou com o silêncio. Esticou o dedo médio e soltou um palavrão, impublicável nesta prestigiosa revista. O rapaz estancou e ficou com aquela cara de besta, sem entender nada. Mas seguiu o seu caminho até a roleta. Não satisfeito, o motorista puxou o freio de mão, levantou-se e encarou o passageiro. Foi um

tal de “deixa disso”, “não faz besteira”, “não dá o seu direito”, dos partidários de um e outro. O mais estranho foi existir quem tomasse as dores do motorista. Coisa de doido!

Então, alguém reclamou do atraso, de estar perdendo tempo com aquele imbróglio, e de que a viagem deveria continuar, senão se atrasaria. Quase instantaneamente todos se deram conta de aquela briga pessoal atrapalhar a vida e ser entrave geral, e voltaram-se ao motorista, exigindo continuar o percurso. Houve xingamentos, insultos de todas as maneiras, e, por fim, depois de esbravejar e ameaçar ir à delegacia, o motorista retornou ao seu lugar e ligou o motor.

Não sei de você, mas estou me acostumando com as constantes demonstrações de animosidade, onde o mundo está pior, e piorando... Ninguém pode mais desejar um “bom dia” sem sofrer as consequências.

Por outro lado, quem está disposto a abrir mão de suas convicções e interesses? Mesmo quem supostamente não os tem, trata logo de apoiar alguém e sua cruzada, na expectativa de sobrar alguma coisa para si. A política é o laboratório para novos experimentos, e logo as massas se encantam, tomam partido (não é figurado, caro leitor), e saem replicando o modus operandi dos políticos. Existe quem gostaria de ser o “Capitão”, mas ninguém tem disposição de ser pai dos seus filhos. E existem fãs do “Nove dedos”, mas ninguém, também, quer cortar o mindinho.

Enquanto as rinhas se multiplicam, não é de se espantar que o galinheiro tenha muito, mas muito mais plumas e paetês do que ovos.

SOPA PERFEITA

Natan de Oliveira



...

Compre batata...

Sopa tem que ter batata bem macia na panela...

Cenoura...

Passe no liquidificador e dizem que é bom para os olhos...

Linguiça calabresa...

No liquidificador, também junto com a cenoura...

Pimenta...

Tempero pronto...

Estes temperos feitos em casa são muito saudáveis...

Ficam embotados e não é bom pra sopa não...

Ovo...

Depois chame minha esposa e ela faz acontecer...

Ainda não sei como, pois durante o processo eu estou arrumando a mesa e abrindo o vinho...

Uma vez servida...

E tem que ser na panela onde foi feita...

No seu prato antes de colocar a sopa...

Coloque queijo cortado em pedacinhos...

Calabresa cortada em pequenas fatias e assada no forno...

Forre o fundo do prato com muito cominho...

E então sirva a sopa no prato até cobrir tudo...

Depois coloque cominho por cima também...

Uma pitada de pimenta em pó ajuda bastante...

Por fim derrame um pouco de vinho tinto seco sobre a sopa até alterar a colocação...

Misture...!
Cheire...!

Então pegue um pão francês...

Vá tirando pedaços com a mão...
Mergulhe o pão na sopa e coma o pão molhado de forma intercalada com colheradas de sopa...

Beba Coca Zero bem gelada num copo...
E no outro copo, vinho tinto suave...

Sempre que se servir de sopa novamente...
Retome a dose de muito cominho...

Antes de comer...
Ore!

Pois a oração sincera pelo alimento, purifica-o para a tua saúde...

Então, a primeira colherada leve até a boca...
De olhos fechados...
Lentamente...

Sinta suavemente na prática um dos dons de Deus para sua vida...
Que é comer algo maravilhosamente delicioso...
Delícia...!

Não existe sopa mais deliciosa como a que minha esposa faz...
Nem mesmo (por favor não contem para ela) a sopa de minha mãe é tão boa...

E a dica final...

Não chame ninguém para comer junto, exceto os que já conhecem as tuas idiossincrasias...

Pois para a maioria das pessoas...
O cheiro de cominho é insuportável...

...

Só não fiquei com fome depois de escrever esta receita...

Porque eu acabei de comer várias porções desta mesma sopa maravilhosa.

...

Quando eu partir...
De algumas coisas vou sentir falta...

De pessoas que aqui deixarei...
De momentos que aqui vivi...

Mas se o assunto for comida...
Sentirei falta desta sopa inigualável que minha esposa faz, e também da carne de panela com batata marrom que minha mãe faz.

...

E você...?
Qual é a tua comida predileta...?



Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.
natandeoliveira@yahoo.com.br

O PIOR PESADELO

O que seria pior do que enfrentar um dia de compras em Ciudad Del Este? A resposta seria: andar pelo bairro do Brás, em São Paulo. Não me perguntem o que fui fazer lá em dezembro, faltando duas semanas para o natal, pois tenho o direito constitucional de manter-me calado, e assim prefiro dizer que erreí o caminho olhando no Google Maps e acabei me enveredando pelas ruas absolutamente tomadas por sacoleiros, cada qual carregando nas costas os seus enormes sacos de lixo preto, se enfiando no meio dos carros, desesperados com a hipótese dos produtos mais baratos acabarem, as gordinhas parando em qualquer lugar para comerem os seus cachorros-quentes, camelôs disputando os passeios com os lojistas, enquanto "estudantes" estudam uma forma de subtraírem objetos dos mais distraídos. As roupas parecem ter sido confeccionadas em uma única loja na China, com tecidos sintéticos que os vendedores insistem em dizer que são de linho ou seda, produtos direcionados às classes X, Y e Z, mas tem gente que



insiste em dizer que são produtos muito bons, e surgem de todos os lugares do Brasil para comprarem, e normalmente chegam às 2 da madrugada para pegarem as melhores ofertas, mas até as 16 horas ainda tem milhões de pessoas perambulando pelas ruas.

Os preços dos estacionamento variam entre 20 e 40 reais a hora a sua vida se transforma em um verdadeiro inferno na hora de entrar ou sair de algum deles. E por falar em inferno, só mesmo ele há de ser pior do que passear pelo Brás.

FAÇA

TEATRO

Curso Profissional & **NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

 WHATSAPP
98025-1010

vagas limitadas!

Diário de um sujeito



Helvécio S. Pereira

Acordei, olhei o relógio... conferi a hora: 4:50... afinal, durmo com algum relógio no braço, geralmente digital dentre uns vinte que tenho de vários modelos, e não acredito em toc's ou manias estranhas, porque não as tenho, e não adianta dizer que eu tenha, porque isso não passa de coisa da sua cabeça! E estamos conversados.

Tomei banho, peguei um monte de gadgets que não precisaria levar na mochila, mas, afinal, para o meu trabalho e além dele, preciso carregar alguns prazeres modernos, numa tentativa de remediar o trabalho inútil e compulsório de “fessor”, que, contudo, é o meu ganha-pão. Para os meus pares, deveria soltar foguetes, mas como não me deixam dirigi-lo à sala de professores, me distraio com o que tiver à mão. Talvez, por isso, não canso de abarrotar a mochila com todo o tipo de tralha: deixa o meu dia menos reconhecível, se me entende.

Bem, enfim, levantei, tomei banho, troquei de roupa e após pôr todas as coisas nos seus lugares: carteiras, celulares (você não leu errado), o relógio do dia para medir pressão, batimento cardíaco, caminhada e agora glicemia sem furar o dedo, sentei-me no sofá em “L”, com as pernas esticadas, e olhei para um canto perdido e aleatório da sala.

De repente, me dei conta que não havia dado descarga, coisa que há dez anos evitamos dar tão cedo para não incomodar a vizinha (moramos em um apartamento). Certa vez, há muito tempo, a descarga estava com pressão excessiva, utilizamo-la e a tal vizinha gritou um palavrão com a voz bem rouca, protestando contra o estrondo da água cano abaixo. Para ela, que deve ter dado um pulo da cama, o mundo estava acabando-se. Aconteceu novamente, uma ou duas vezes, em horários diferentes, uma pela manhã bem cedo e outra à noite. Nas duas seguintes, a Rose xingou, numa outra vez xinguei, acho que teve uma em que nós dois xingamos. Fato é que, de lá para cá, ela nutriu certo ódio, e duas ou três vezes a cumprimentamos rápida e respeitosamente, mas nunca estabelecemos um vínculo ou amizade.

Levantei-me, e fui dar a tal descarga, já que tinha usado o sanitário e estavam todos ainda entre sonhos e roncos, pouco antes das seis, e não queria acordá-los com a repentina explosão. Foi quando me dei conta de ela não estar mais entre nós. A vizinha havia falecido no último fim de semana, em casa das “amigas de goró” e conversas jogadas fora.

Se é verdade que nunca nos tornamos amigos, e durante mais de uma década permanecemos em uma guerra fria, tão ou mais velada que a tal entre a antiga URSS e EUA, nunca nos desejamos mal... até onde eu sei. Uma característica que a marcava, e talvez só nós reconhecíamos, era uma aparente rigidez de princípios. Um dia, após a eleição do Bolsonaro, ouvi-a manifestar da varanda de seu apartamen-

mento alugado, acho que ao celular com alguém, a festejar a vitória direita contra a malfadada esquerda e, de varanda a varanda, concordei com ela, em uma ou duas palavras. Após a saída do Bolsonaro, resmungou que “nenhum político faz nada” falando consigo mesma em voz alta.

Em uma ocasião, a vizinha de outro apartamento, numa crise de insanidade, já meio idosa, sentou-se em uma pequena marquise, de menos de um metro de largura, insinuando deixar-se cair do alto de decisivos e mortais seis andares. A vizinha antagonista, agora falecida, calmamente a viu e, prudente, informou aos canais necessários, sem alarde. Os bombeiros e socorristas, em poucos minutos, salvaram a tal momentaneamente desequilibrada. Se um copo d'água não ficará sem recompensa, este ato de humanidade ficará registrado a seu favor, para o dia do juízo final.

Por outro lado, se boato ou não, à boca miúda, algumas pessoas disseram que ela foi má filha e trouxe muitos desgostos à mãe. Tal boato pode não ser verídico, mas dada as circunstâncias, após esforços, uma prima foi devidamente localizada, informada da morte da parente e do perigo de ser enterrada como indigente. Sem pensar duas vezes, respondeu simplesmente que “poderiam enterrá-la”, manifestando desprezo total pela finada.

Ficamos ainda mais surpresos em saber a idade: oitenta e três anos; aparentava menos, em seus mais de um metro e setenta, magra, cabelos curtos, e, até

pouco tempo, andava de forma ágil, embora mais recentemente notamos um certo vagar e aparente cansaço; ninguém diria ser uma octogenária.

Não gostávamos dela e ela talvez menos de nós, mas nos preocupávamos: vivia solitária e não era dada à camaradagem. Certa vez, ao ver uma repentina fumaça sair da janela da sua cozinha, a minha esposa bateu gentilmente em sua porta e perguntou-lhe se tinha acontecido algo, ao que ela agradeceu educadamente dizendo estar tudo bem, e nunca mais se falaram. Antes disso, por vários anos, após o segundo ou terceiro xingamento, quando trombávamos nas escadarias do prédio, ela virava o rosto ou corria à frente, ou se desviava por outro caminho; quase sempre ocorria a coisa na rua, no supermercado ou qualquer lugar: ela abaixava a cabeça e atravessava para o outro lado.

Faleceu, foi sepultada. Seus móveis abandonados no apartamento alugado, nenhum parente ou amigo veio reclamá-los. Dizem que tudo é de excelente bom gosto e qualidade. Ela fumava. Não foi câncer ou outra doença, mas provavelmente o grande assassino de idosos, pneumonia seca. Triste, também, é que diferentemente dos outros falecidos em um condomínio com mais de cinco mil pessoas, e que em todas as portarias estão afixados os falecimentos dos idosos que fizeram parte da memória afetiva e emotiva da comunidade, não restou um bilhete: a morte da dona Lúcia só foi informada a poucas pessoas, em geral, desafetos ou indiferentes, à boca miúda. É a vida no seu cinza mais real.



Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com

CADERNO DE PSICOLOGIA

UMA ANÁLISE EXISTENCIALISTA DA CULTURA CIBERNÉTICA



Nara Luísa Maria A. de O. SALOMÃO

A sociedade chamada pós-moderna tem passado por uma série de transformações que se caracterizam pela velocidade em que tudo acontece. O século XXI é marcado pela evolução da tecnologia, a qual possibilita ao indivíduo se manter mais conectado com o mundo virtual. Junto com o crescimento da interatividade, sobrevieram mudanças no homem de origens comportamental, psicológica, social e pessoal. Paralelamente, a sociedade capitalista globalista se caracteriza pelo incentivo ao consumo exagerado, a busca do prazer imediato e o culto ao individualismo.

Neste mundo, tudo em pequeno espaço de tempo fica obsoleto e pode ser substituído por um produto melhor ou mais sofisticado, inclusive o próprio homem vira mercadoria de troca.

Surge o ideal imaginário da busca da felicidade pelo consumo: a essência do ser passou a consistir o ter. Em especial, nos grandes centros urbanos, altamente tecnologicizados, emerge a figura de um sujeito ansioso, vazio e sem memória, dominado pelas máquinas de visão. A vivência instantânea cede espaço à experiência



e faz tudo esgotar-se rapidamente e cair no esquecimento. Nesse contexto, a rede eletrônica da internet, e junto com ela as redes sociais e todos os demais meios de comunicação virtual, levam muitas pessoas a fazerem uso equivocado da internet e das mídias sociais.

A busca pelo prazer instantâneo, imediato, o consumismo excessivo, as mudanças bruscas e em ritmo acelerado, a revolução das mídias de comunicação, juntamente com o abandono do estar com, as tradições em grande parte sendo superadas, levam o homem a um estado de insegurança e solidão, fazendo com que busque na virtualidade um substituto para a relação afetiva. Porém, o estar conectado, através de uma visão da Análise Existencial, pode estar relacionado a uma forma de mascarar a angústia, a denominada má-fé de Sartre, da falta de enfrentamento da responsabilidade das escolhas e o decidir frente a um mundo cada vez mais complexo, claro sintoma de uma existência inautêntica. É um comportamento que reflete o fracasso do ser diante dos conflitos existenciais.

E quanto mais o sujeito se expõe sem critérios ao mundo virtual, mais enfraquecidas ficam as vivências e experiências que proporcionariam outras possibilidades de escolhas; assim, o ser enfrenta o vazio e a constante angústia que não gera o movimento de estar no mundo, de existir, chegando a um quadro de dependência. As pessoas se voltam para si próprias, sem se interessar de fato com o mundo fora da tela, não conseguem se desligar do mundo virtual e muitas vezes não conseguem

observar o que está ao seu redor. O termo clínico utilizado para descrever o comportamento compulsivo pela internet ou mídia social, e por todas as ferramentas ligadas à tecnologia se denomina “nomofobia”, que se define pelo fato de o indivíduo perder o controle sobre o uso da tecnologia, aumentando a intensidade e o grau de disponibilidade para determinada ferramenta tecnológica, trazendo um impacto negativo ou prejudicial em alguma esfera importante da vida.

A dependência se manifesta em indivíduos que, quando ficam sem o telefone celular ou computador, apresentam sintomas e alterações emocionais de comportamento. É um estado patológico que gera consequências físicas e psíquicas. O vazio existencial que se vê na contingência de ser preenchido por satisfações é também chamado de tédio, que surge como desânimo da existência, sensação de inutilidade, confusão vital e carência de alegria. A inquietude desse vazio se denomina angústia, que remete à existência ilegítima do homem. É um sinalizador de perigo, que deveria impulsionar para o enfrentamento da realidade de forma singular. O tédio resulta de uma vida vazia, que se apresenta como uma mera rotina de fatos e acontecimentos no trabalho, na família ou em grupos sociais, de quem rejeita a problemática do existir, da subjetividade contextualizada, muito presente nas pessoas que fazem mal uso da internet e mídias sociais, seja por dependência emocional, ansiedade ou insegurança, todos muito presentes no mundo pós moderno. A busca da realização da vida ocasiona angústia, e para fugir desse incômodo esse sujeito se refugia na condição paliativa dos meios tecnológicos, ignorando que a experiência de viver a vida, todos os dias, com congruência e autenticidade, é que trará o prazer de existir.



Nara Luísa Maria A. de O. SALOMÃO é graduanda em Psicologia, Advogada, especialista em Ciências Penais e escritora naramariabhz@yahoo.com.br

O CONCILIÁBULO MALANDRINO, OU UM RÉQUIEM PARA UM PUNGUISTA

Sammis Reachers

Foi num domingo feito hoje. Os bonecos começaram a chegar desconfiados, tanto pelo vício do ofício quanto pelo inusitado do evento. O palco das exéquias, um terreno baldio, estrategicamente longe de olhares & orelhas inoportunos.

Uma saudação aqui, um qualé acolá, e a malandragem devagar foi se acomodando.

De todos, resolveu-se: quem teria a primazia do verbo seria o único daqueles putianos que, é de espanto, possuía carteira assinada. Pois saiba você, amigo leitor: vagabundo respeita trabalhador. Era o popular Magu do Alcântara, que batia ponto no estoque do mercado Assaí, feito raposa gerenciando galinheiro.

— Amigos e compadres, uma muito boa tarde. Como vocês sabem, estamos reunidos aqui para celebrar a memória daquele que foi o melhor de nós.

Sim, o melhor de nós, pois o pioneiro. O melhor de nós, pois foi mestre de muitos aqui. E até pai e padrasto de alguns. E quem não aprendeu com ele, aprendeu dele, pois muitas manobras que a gente usa no dia a dia, no ganha-pão, ele as criou ou inaugurou em nosso município, talvez em nosso Estado. Quantos já ouviram falar do grande incêndio no “Gran Circus” em Niterói, no longínquo 1961? Enquanto vidas se perdiam, ele enriquecia, madeira de lei endurecido por todo aquele fogo. Semideus do empreendedorismo, na crise máxima, ele viu a máxima oportunidade: Afanou 46, QUARENTA E SEIS, SENHORES!!!, carteiras. E saiu vivo para contar a história. Ali, naquele circo em chamas, nasceu o patrono e a lenda

dos ladrões gonçalenses. Aquele cuja memória hoje celebramos. Ali Babá dos Ali Babás, aliciador e pedagogo, Roberto Munhoz Oliveira, o nosso saudoso Beto Rato. E o rol de bravuras do finado seguia sendo desfiado pelo orador da turma, de fazer arroxear o próprio demônio.

Enquanto discursava com ousadia e sentimento o insigne abortivo do bairro Engenho Pequeno, um peralta, Catito, fiel ao ofício, tentava controlar sua pulsão ou proatividade no duro métier de bater carteiras e celulares de patos ou, na fúnebre falta destes, de gansos. Ali só havia gansos, mas o instinto, em Catito, era deus forte.



Divisado o alvo, um carteirista (e celularista) que fazia ponto no centro do Rio, já ferido pela mangueira, empapado nos vapores alcoólicos que aquele dia de luto (nem por isso) demandavam, o rouxinol de Satã se acercou e, na clássica esbarradela, moveu o corpo do bruto enquanto sua destra encaçapava um iPhone do último, no talento. Daquele modelo, um “cabaço”, dourado e com uma semaninha de lançado na praça, o punquista só vira em grupos de rolo de Facebook, desses onde a tropa do corre desovava os ganhos. Pra quê esperar outra chance?

Talvez pelo álcool, mas mais acertadamente fosse pela desprevenção, por estar "entre os seus", o adiposo não acusou o golpe.

Mas, como referimos, aquele galinheiro estava locupletado de gansos, pescoçudos e mordedores, todos eles. Percebendo a heresia daquele ato de extremada torpeza, desferido não em momento inadequado, que isso não havia entre ladrões, mas contra um associado, Roberval, ladrão de autos e mantenedor de dois desmanches na Trindade, às costas do Sétimo Batalhão de Polícia, onde tinha alguns associados, alto prelado no mundo dos ladrões, deu alarma:

— Olha aí esse fxxxxdpxxxa, esse cxxno, esse pelego, meteu a mão no telefone do amigo! Pau nele! Pau nele!!!

— Ah, vale isso!??? – gritou uma das lideranças do movimento, e o berro foi a senha para a democratização das oportunidades.

O que se seguiu foi um espetáculo que divertiu meio inferno, que parou pro espetáculo: o colegiado de ladrões, senhores dos caminhos de metade da região metropolitana do Estado do Rio, se engordaram numa pancadaria obtusa, temperada a areia nos olhos, sarradas e canivetes. E mais, explodindo de primitividade, dando vasão àquilo para o que suas infelizes mães os pariram, aqueles pouco menos de oitenta larápios se envolveram no maior jogo de ladrão-roubando-ladrão que o sul global já vira,

após as aventuras da pirataria inglesa roubando ouro dos ladrões colonialistas espanhóis. Era um soco aqui e uma apalpadela acolá, um coice de trivela num, e um catar-um-cordão-de-prata no chão, num mesmo e acrobático movimento.

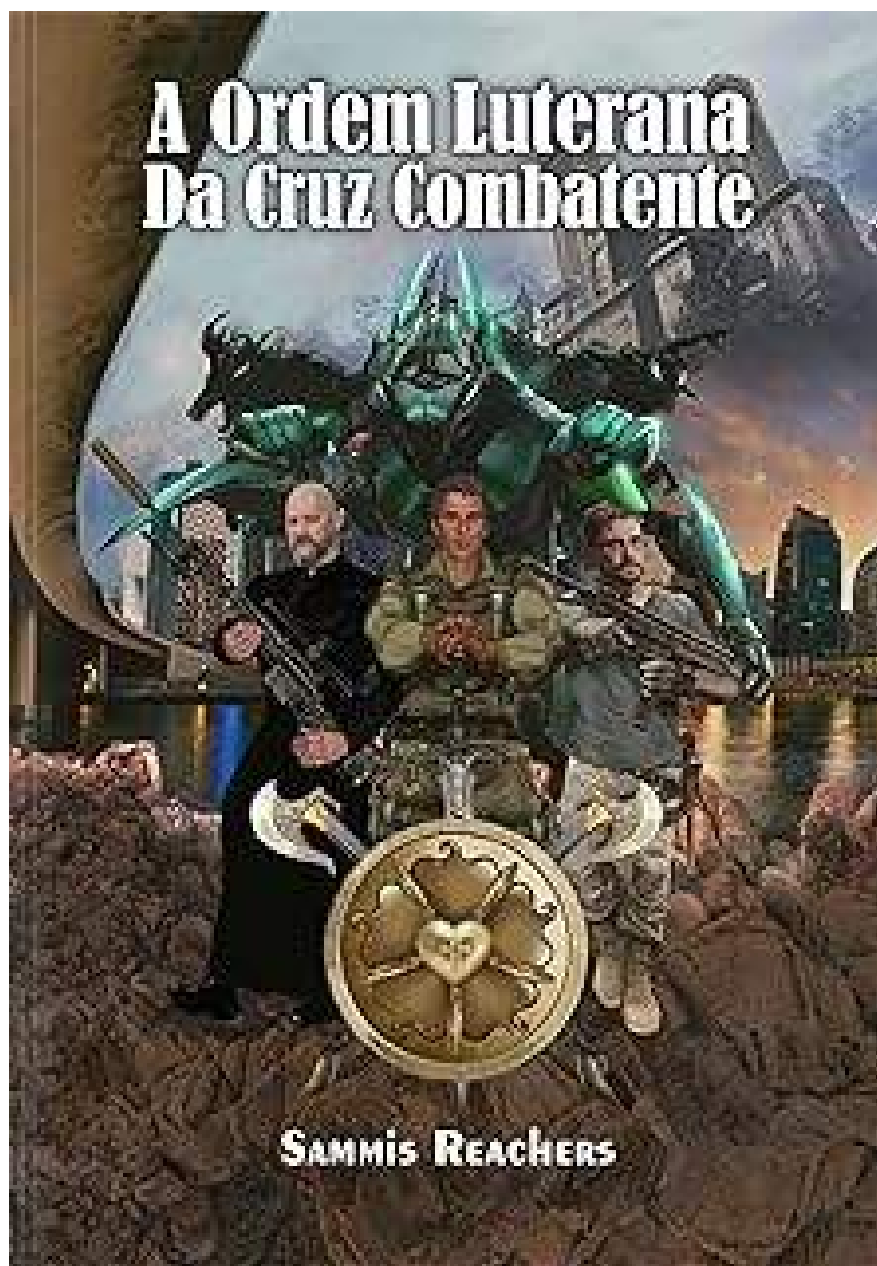
Ortega y Gasset, filósofo fatalista descendente dos tais ladrões de ouro espanhóis, dizia que um homem é um homem e suas circunstâncias. Pois um ladrão é um ladrão e suas oportunidades, na Câmara, no Senado, no Planalto ou num arranca-rabo em terreno baldio: velhas rixas encontraram curso de resolução, com desafetos se farejando e duelando em meio à peleja.

— Valei-me, Seu Zé!, desengasgou-se um fiel após ter bolsos e pescoço esvaziados, a fuça inchada de tanta tapanca, como se ladrão ajudasse ladrão contra ladrão. Não sem cobrar caro na saída, mas isso lá preocupa os pilintras?

E o furdunço alava as poeiras: Tapas bloqueados eram seguidos por um pinçar de mãos, arrancando dos dedos do agressor anéis e alianças que eventualmente portasse. Arte ninja!

No alto do festejo, apogeu daquela liça medieval, o conluio ou conclave ou conciliábulo malandrino foi debelado pelo toque da trombeta quadricórnea do Estado, sonido a que todos, já nas barrigas das mães desnaturadas, aprenderam a temer: o soar de uma sirene.





O que monstros, anjos, demônios e uma conspiração secreta têm a ver com o Cristianismo? Simbioses, mutações, o bem e o mal disputando almas e o domínio do mundo? Para muitos, nada. Mas para aqueles que veem e estão dispostos a ver, tudo. Assim, de maneira simplista, podemos definir o primeiro romance de Sammis Reachers, “A Ordem Luterana da Cruz Combatente”, em seu tomo I: uma fábula repleta de magia, ação e surpresa. Mas seria toda a verdade?

Conheço a obra de Sammis há mais de dez anos. Autor criativo e eclético, transita por vários gêneros literários. A sua produção explora com a mesma facilidade estilos que vão dos poemas, contos, ensaios, coletâneas e, agora, o romance. Como a maioria dos poetas, se considera um prosista de versos, porque a poesia nunca está distante, nunca é relegada ao segundo plano, ou deixa de ser a mola

mestra da criação. Por mais que o gênero se distancie dessa linguagem, o poeta jamais dormita ou abandona-a.

Permeada pela cosmovisão cristã, não espere temas proselitistas, dogmáticos ou definições teológicas. Não. Ele está disposto a mostrar a vida, a realidade, com seus becos-sem-saída, caminhos sem volta, naufrágios em terra e mar, mas também a possibilidade de sublimação e redenção. Enfim, ser guiado de volta para

casa... A despeito dos percalços, ataques, aflições, as tentativas de obstruir e impedir a jornada, a ovelha ou peregrino estará segura em Cristo, ainda que ouça o rugido dos lobos, o esgueirar das serpentes, o tilintar de ouro e prata ou o estampido de trabucos. Como o monge diz a Martinho: “A ordem por tantas e tantas vezes dorme. O caos, nunca” (pg. 14). O mundo é o palco onde a arte desvela a saga

humana, mas também os bastidores e arranjos, antes, durante e depois da representação em que cada um de nós tem papel crucial no cenário tripartite da “guerra cósmica”.

“A Ordem Luterana...” não obstante ter todos os elementos épicos, de remeter às grandes obras de aventura, capa, espada, e os mais eletrizantes thrillers de ação e combate, tem camadas as quais o leitor deve atentar. Não se trata de outra epopeia, onde bons e maus se assanham, ou o jirau das peripécias de bravos e covardes, nobres e canalhas, numa dicotomia reducionista. Por natureza, o homem é ambíguo, e suas dúvidas, tal qual as decisões, nem sempre encontram as explicações lógicas e racionais. Afinal, e não se turve a reconhecer, sentimentos e emoções gravitam e atraem as mais inesperadas e repentinas decisões, e denunciam não haver somente o físico, mas também o transcendente.

De um lado, a “Ordem”, seus homens e anjos, do outro, o “Deicídio” (cujo objetivo, como o próprio nome indica, é a morte de Deus e seus filhos), constituído por homens e demônios. Entre eles, a humanidade em sua placidez ignota, capaz de acreditar somente naquilo que os olhos veem, ou não veem. Entretanto, existe um mundo, ou mundos, alheios aos olhos físicos e disponíveis exclusivamente aos olhos espirituais. E neste campo se desenrola a guerra iniciada no Éden, em que Adão se fez presa fácil para as artimanhas do diabo, vítima da sua soberba e inveja.

Os cambiantes, mistura de humanos e seres angélicos, são a elite dos agentes de ambas as forças. E a maior parte dos embates se dá com eles. Por falar nisso, o terço final do livro é de tirar o fôlego, literalmente. Para quem gosta de ação, reviravoltas e emoções, é um prato cheio; sem esquecer as várias esferas

subentendidas às quais o autor propositalmente ofertou ao leitor, não como um “plus” ou complemento, mas a essência, algo imprescindível... Ponderando mais sobre as entrelinhas, das camadas criadas pelo autor, e elas são tantas e tão distinguíveis que supor ou apegar-se à ideia do livro ser apenas “distração” não somente é simplista, equivocada, mas ilegítima; facilmente pode-se notar a sua condição ou posição (sim, caro leitor, estou a falar de si), à medida que a narrativa se desenrola. Pode-se vislumbrar o movimento no tabuleiro, qual a ameaça e o quanto se está ou não seguro.

A história vai muito além das homenagens a Dumas, Stevenson, Scott, Tolkien ou Lewis, para ficar apenas em alguns. Ela trata da luta instalada no íntimo, onde o sopro divino, ou imago dei, colide com os efeitos noéticos da Queda. E este contexto é muito maior do que as explosões, perseguições, duelos, estratégias, complôs e tantos outros elementos a permear o gênero. Por mais que você resista, o livro fala e trata de você. E, por isso, é tão necessária a leitura de “A Ordem...”, pois, ao sentir-se preso, angustiado, certamente também se sentirá liberto e protegido.

Sammis conhece muito bem isso, porque viveu, e ainda vive, nessa “corda bamba”, mas na convicção de transpor seguramente o fio tênue, mas irrompível, a encerrar o fim da sua fé. Ele fala de si e, por isso, fala de mim, de você, com propriedade. Mesmo não havendo dois seres humanos iguais, existe uma essência que compartilhamos e que nos tornam membros de uma mesma ordem ou caos. E nas peculiaridades encontramos o universal, sem os malabarismos burlescos e artificiais dos antropóforos e fatuados.

Mostra que é possível divertir e pensar, sem abrir mão da verdade, mesmo envolta em sombras e muita, muita fumaça e poeira.

Jorge F. Isah

Título: A Ordem Luterana da Cruz Combatente

Autor: Sammis Reachers

Páginas: 321

Link do autor: <http://linktr.ee/sreachers>

Email: sreachers@gmail.com

“A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

amazon.com.br ou kalamos.com.br

OS PASSOS DA LEMBRANÇA

Rosemare Gomes

Tenho recontado aqui nessa coluna casos, “causos” que realmente ocorreram e que fazem parte das minhas memórias. Por que disse recontado? Porque simplesmente, a cada vez que me lembro, reconto a meus filhos, ao meu marido, perpetuando-as enquanto eu viver.

A tia Cotinha, uma das irmãs de meu pai, e quase uma personagem da qual sei pouco, porque pouco me contaram dela, e porque só vim a entender melhor a minha família, aliás a família do meu pai, muito mais tarde do que outras crianças e adolescentes entenderiam. Na verdade, penso que há casos até de adultos que nunca entenderam porquê estão neste mundo, muito menos as suas origens e de seus familiares.

Bem, a tia Cotinha casou-se. Casou-se talvez porque sexo no seu tempo, na virada do século XIX para o XX, embora todo mundo fizesse, pelo menos publicamente não era como hoje sem dar satisfações sociais ou pagar algum preço. Hoje se paga? Quanto mais estranho e diverso, parece até ser mais louvável... É, o mundo mudou, ou pelo menos por aqui, Brasil, muito mudou.

A tia Cotinha casou-se, e com um homem (há pouco tempo esse detalhe nem precisaria ser mencionado, mas hoje, essa “nota de rodapé” é quase obrigatória). Não se casou porque se apaixonara perdidamente pelo seu homem, ou ele por ela. Mesmo porque, sem a “Jequiti”, duvido que eles tivessem atributos tão esteticamente



delineados coo hoje: bom perfume, boa maquiagem, seios e bunda bem definida, e o Photoshop de primeira, etc.; se é que me entendem.

Ele, o marido, peão de fazenda, de trabalho rude, devia ser desengonçado, pernas arqueadas, dentes faltantes ou desalinhados, a fala cantada e arrastada, frases incompletas, pronúncias erradas. Devia ser um casal típico de uma piada que meu marido sempre conta. Um casal com pouco assunto e investidas sentimentais pouco claras. Não vou contar a piada aqui, pois não sei contá-la, ainda mais escrevendo.

Quem casa, quer sexo, embora muita gente queira antes de casar, a qualquer hora, em qualquer lugar, e se gabe, e culpe os hormônios. O fato é que ele, como homem, sempre quis e ela aparentemente não se sabe, pelo menos com ele... Será?... Seria?

Casaram-se. Deve obrigatoriamente ter havido uma cerimônia na igreja católica, a única que existia e que conheciam. O povo de perto, parentes, amigos, assistiram. O padre os abençoou. Um almoço com relativa comilança, umas pingas para os adultos, muita conversa, risos e, claro, depois de tudo, as núpcias, na casa isolada do casal em algum canto da cidadezinha. Muito lindo, na simplicidade do seu tempo; e, convenhamos, eu dou muito mais valor do que à falsidade e exibicionismo de hoje. O tempo passou, e depois das núpcias que não tenho como saber como foram, se houve detalhes a serem descritos, já que as fofoqueiras talvez souberam ou não, não estão mais aqui para contar. O que vim a saber é

que, após algum tempo de casados, no papel e no padre, após cada dia de trabalho na roça ou como tropeiro, o marido chegava a cavalo para descansar, jantar e comer, se é que me entenderam. Encontrava sempre a tia Cotinha queixosa, com ares de doença e desanimada para qualquer coisa e muito mais para as investidas do marido fogoso (estou apenas exercitando a imaginação). Com rodela de batata colada na testa, queixava-se sempre de dores de cabeça. Isso foi acontecendo, dia após dia, após meses, até que, em dada ocasião, o marido chegou mais uma vez montado em seu cavalo, a tia Cotinha, apareceu na porta com a mesma cara queixosa, as rodela de batatas coladas à testa, dizendo-se com muita dor de cabeça. Não se sabe se foi conselho do cavalo ou decisão própria do tio... não me lembro realmente do seu nome... O meu tio, marido da tia cotinha, conta-se, dessa vez nem apeou do cavalo, deu meia volta e nunca mais se teve notícias dele.

A tia Cotinha, nunca mais se casou, não teve filhos, não adotou nenhum e morreu velha de dias em sua pequena, mas boa propriedade. A gente ri quando repito essa história. Não há nada de novo debaixo do céu, como reza a velha e boa Escritura. Ou se gosta muito da coisa ou a nega. Igual, sempre.



Rosemare Gomes é escritora, pedagoga, professora e teóloga.
rochарosemare@gmail.com

A democratização da Censura

Jorge F. Isah

O STF discute, e vota, restrições às mídias sociais e “bigtechs”. A maioria teme a censura prévia e a instalação de gabinetes virtuais, onde certos “discursos” (críticos, via de regra) estarão impedidos de veicularem e serão suprimidos pelas plataformas. Por outro lado, existe uma minoria ruidosa e adepta da monitoração e proibição dos extremistas perigosos e suas fake news. Com isso, o dono da conta pode tê-la excluída e sofrer outras sanções estatais: multas, inquéritos, condenações e prisões (talvez a revista íntima por um bando de tarados) em uma simples canetada. Se na época de Getúlio Vargas e do Governo Militar as coisas eram resolvidas no D.I.P. e S.N.I, agora tudo ficará nas mãos das empresas, ou melhor, dos guardiões da democracia e do estado de direito, sem direito a uma coisa e outra: Google, Facebook, TikTok, YouTube, entre outras, usarão index para selecionar palavras, frases, títulos e imagens que não estejam no index judicioso. É a democratização da censura. Sob pena de, caso não se adequem, serem elas mesmas censuradas.

A questão é que os defensores de hoje podem ser os acusados e condenados de amanhã; mas o brasileiro, via de regra, se acha esperto demais a ponto de ser pego na própria esperteza. Vide os inúmeros casos de golpes e vítimas, gente a cair no logro do bilhete premiado, de depositar 1.000 reais para receber 100.000, e coisas tão antigas e tão absurdas que a gente questiona se o “esperto” não fugiu do maternal ou algum CAP.

Os argumentos são os menos engenhosos,

para não dizer outra coisa. Fazem-se analogias ridículas, como comparar a liberdade de expressão com a “liberdade” de matar ou espancar alguém. Ora, os juízes deveriam saber que não existe liberdade para matar, espancar, ofender, caluniar e outras “coisitas”, porque ninguém é, a priori, livre para fazer essas coisas, a menos que acredite na toga como a capa de um super-herói ou vilão.

Entretanto, há liberdade para opinar, discutir, criticar e avaliar qualquer coisa, desde que se fique apenas no campo teórico e não vá para as vias de fato. E se alguém o faz, é livre para fazê-lo até ser preso, simples assim.

Tem ainda o abacaxi da Inteligência Artificial. Ao ver dos ministros, era preferível o homem estar ainda nas cavernas; essa coisa de tecnologia é extremamente perigosa e nociva. Já existe gente a defender a prisão do Gemini, ChatGPT, MidJourney, Siri e Alexa em “Papudas Virtuais”, e mesmo que ainda não se saiba como fazê-lo, o importante é criar a lei e ameaçá-los com penas descomunais.

Talvez, por isso, Gates, Zuckerberg, Musk, Bezos e Ellison preparam enormes bunkers em locais secretos a fim de se esconderem das garras da justiça brasileira. Talvez se livrem, mas caso o Supremo consiga que suas A.I.'s participem do programa de delação premiada, a coisa pode não ficar tão boa para eles.

Por aqui, não existe nada que não possa piorar, enquanto o “drácula” burocrático suga até a última gota de sangue. Mas a esperança do brasileiro é estar tão anêmico que a gula vampiresca debilite o parasi... digo, chupim.

E todos vão se esbaldar na “Rave XXX”, pois, afinal, ninguém é de ferro.

papo CRISTÃO

por Michel Salomão

Recorri a Deus, por meio de Jesus, duas vezes, nesta semana. Estavam ocorrendo umas coisas esquisitas e aí me lembrei de fazer uma oração. Nos dois casos, funcionou. Sobre um dos pedidos posso dizer, sobre outro não: era uma dor sem explicação e pedi desculpas por ocupá-Lo com uma coisa tão estúpida, comparativamente aos trilhões de problemas que aparecem para Ele resolver. E funcionou imediatamente.

Tem muita gente que acha que não funciona, mas funciona. “Ah, mas existem doenças graves que não são curadas, tem gente que morre do jeito mais estúpido, mesmo tendo pedido a cura para Deus” - alguns incrédulos podem argumentar. Mas será que pediram do jeito certo?

Nas andanças de Jesus, nem todos recorriam a Ele. Quem pedia era curado. O problema é que a maioria das pessoas não quer passar por humilhações, pois se acham “as tais”, e se sentiriam ridículas conversando com o invisível. Você não acredita porque não consegue ver Deus? Fique cego e verá.

Como já disse em mais de uma oportunidade, não sou o maior exemplo de cristão, pois sou muito racional. Só recorro a Ele em último caso, quando a coisa já está bastante complicada, e ainda assim Ele me atende. Não é porque eu seja um privilegiado, mas sou o Seu filho. Você deixaria de atender um pedido de seu filho? Muitos pais deixariam, mas Deus não. Deus é FIEL!

Aí você perguntaria como Deus é capaz de atender trilhões de pedidos por segundo, e eu só diria que Deus é Deus, é Deus do impossível, e sua capacidade está acima do nosso entendimento. Não tente entender Deus. Foi o que fizeram Adão e Eva, quando O desobedeceram e comeram o fruto do conhecimento do bem e do mal. Ah, mais uma vez me esqueci que você não acredita nessas histórias bíblicas. É por isso que está mal. É por isso que precisa beber álcool, remédios e drogas ilícitas para aliviar as suas frustrações.

Não quero dizer que a minha situação esteja melhor do que a sua, mas o fato de acreditar que existe alguém que me protege é muito bom. Jesus disse que na sua ausência, antes de retornar ao mundo para o juízo final, deixaria um consolador, e Ele está entre nós, tentando dar uma “amaciada” em nossos corações duros. Eu era muito estúpido, muito mais do que sou hoje, e me tornei duro para me proteger dos ataques dos maus. Os seres humanos são originalmente ruins, mas podem se redimir, se acreditarem que existe um Deus que não pede nada mais em troca além de AMOR. E Ele quer que amemos uns aos outros assim como NOS amamos, mas se você não ama a si próprio, se deseja se destruir para fugir dos desafios deste mundo, como irá amar ao próximo? E como irá amar a Deus?

Caso você tenha preguiça de ler, existe um aplicativo no Google Play chamado “Bíblia Falada”, e você poderá ouvir a narração de todos os capítulos e versículos enquanto dirige o seu carro, durante o almoço ou antes de dormir ou ao acordar. A voz do narrador é meio chatinha e ainda tem uns sons de pássaros ou de mar que você pode tirar, mexendo nas configurações. Você poderá pensar que é pura superstição, mas isso fará com que o seu espírito se acalme, que esqueça por alguns momentos as tribulações do mundo.

“Ah, mas quando parar de escutar, voltarei ao mundo real, que é cruel” - você poderá dizer. Então escute esses áudios VÁRIAS VEZES ao dia. Assim se sentirá mais protegido. Você poderá argumentar que a Bíblia tem passagens terríveis que falam de guerras, mortes, traições, mas ela mostra como é a vida. Ela não esconde nada. Fala, inclusive, dos maiores defeitos de seus heróis, como Abraão, Isaac, Jacó, Daniel, Davi, Salomão, entre outros. As histórias são REAIS, bem diferentes dos heróis das mitologias que você já deve ter estudado na escola. Mas a Bíblia também fala de consolo, como no sermão da montanha, que está no livro de Mateus, a partir do capítulo cinco. Comece agora.



coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.

Nelson, eu não acredito em Papai-Noel, mas penso que posso ganhar algum dinheiro neste final de ano com os jogos do Tigrinho. Entendo muito de futebol e consigo até prever as malandragens que são capazes de fazer para burlarem os resultados. O que você acha?

Nelson - Acho melhor você passar a acreditar em Papai-Noel.

Meu marido é chegado numa mangueira e quando chega do trabalho, depois de passar no bar, briga comigo, bate nos meninos e maltrata o nosso cachorrinho, que não tem nada a ver com a história. Já não sei mais o que fazer.

Nelson - Que tal trocar esse cachorrinho por um cachorrão, tipo um Rottweiler? Quando o seu marido chegar em casa, poderá até brigar com você e bater nos filhos, mas assim que maltratar o cachorro será uma vez só.

Nelson, eu tenho um medo terrível de polícia. É só ver alguém vestindo um uniforme, me dá uma diarreia na hora. Se é alguém vestindo um uniforme dos federais, ou um daqueles verdes, aí é que a coisa complica. Isto é normal?

Nelson – Neste país, é absolutamente normal a população temer profissionais que utilizam esses tipos de uniformes. O anormal é que eles deveriam passar segurança para a população, mas o que acontece é totalmente o contrário. Fica mais fácil confiar nos bandidos.

Estou cheio de tudo, da política, da economia, da religião, das mídias sociais, da sociedade, do mundo. Estou cheio! Cheio! Cheio!

Nelson – Já experimentou peidar?

Nelson, todo mundo me acha feio, e por isso me sinto rejeitado pelos meus colegas do trabalho, pelos parentes e, principalmente, pelas mulheres, mas existem muitos feios que se dão bem na vida. O que posso fazer para mudar a minha situação?

Nelson – Em casos como esses, sempre aconselho um transplante de cabeça.

Nelson, cheguei em casa e encontrei a minha mulher transando no sofá com o meu melhor amigo. Ele que sempre me ajudou nos piores momentos da minha vida, pagou o aluguel do meu apartamento, o colégio dos meninos e pôs comida na minha mesa. O que devo fazer?

Nelson - Troque o sofá.

A minha sogra vai passar as férias lá em casa e assim que ela chega começa a dar palpite em tudo. E ainda fica falando para a minha mulher que eu sou um inútil e vagabundo. Até quando devo tolerar isso?

Nelson - Até deixar de ser um inútil e vagabundo.